

ENTRE PUNIÇÕES E TÁTICAS: A PRODUÇÃO DE IDENTIDADES DOS JOVENS EM MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Emanuelle Karenyne Mota Chaves*

*Só depois eu saberia que
tinha visto, só depois, ao ver o segredo,
reconheci que já o vira.*

Clarice Lispector

Um percurso de envolvimento

Por quase dois anos trabalhei como socióloga em instituições voltadas para executar a medida sócio-educativa¹ de internação para jovens² do sexo masculino em Teresina-PI. Essa oportunidade surgiu através de um convite intermediado por uma pessoa próxima a mim. Até então não havia emergido inquietações acerca desta realidade. Pensei, por que não adentrar realidade tão estranha e desconhecida? Aceitei o desafio, sem ter noção do mundo que iria penetrar, e, por conseguinte, me absorver. De repente a *névoa branca*³ que antes encobria minha percepção foi se dissipando, o que proporcionou estranhamento e ao mesmo tempo causou-me embriaguez, devido ao desejo de ver e mergulhar nessa nova dimensão. Meus sentidos agora aguçados queriam tocar, sentir o cheiro daquele lugar, absorver os interstícios das paredes que enclausuravam aqueles adolescentes, observar os detalhes, apreender os sentidos deste microespaço, bem como os dispositivos dos jovens e as relações de poder.

* Mestranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Piauí – UFPI.

¹ A medida sócio-educativa de internação é executada em instituições específicas, priorizando o cunho educacional, em Teresina, a responsabilidade da execução é a cargo do estado, no caso representada pela Secretaria de Assistência Social e Cidadania – SASC e mais especificamente pela Unidade de Atendimento Sócio-Educativo – UASE, deliberando ações, práticas e corpo profissional, pautadas no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

² Escolho usar o termo juventude ou jovem ao invés de adolescentes como está referendado no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, devido a meu caminho teórico, que perpassa as discussões feitas por Glória Diógenes (1998) e Helena W. Abramo (1994).

³ Glória Diógenes (1998, p. 14) menciona como construiu uma névoa branca para impedir a visão do lado sombrio dos acontecimentos.

A vontade de compreender este novo mundo, que me envolvia cotidianamente e que, concomitantemente, mobilizava questões jurídicas e infracionais⁴, além de sentidos e representações das mais diversas, produziu o desejo e o desafio de percorrer itinerários de sentidos desses adolescentes. Sem perder de vista as sensações às quais estava experimentando. E assim, perceber que o desafio é deixar-se levar, atentamente, pelo rumo dos acontecimentos e, nesse fluxo, construir territórios de sentidos (DIÓGENES, 1998, p.18).

A partir desses sentimentos percebi que a pesquisa⁵ não surge do acaso, suas teias envolveram minhas emoções, temores e angústias. Era fato, eu tinha sido atravessada por aquela realidade, e agora tinha que me haver com todo esse emaranhado de sentidos, ritos, dinâmicas e identidades que estes adolescentes produzem dentro destas *instituições totais*, que se apresentam como

um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal....Em nossa sociedade, são as estufas para mudar pessoas; cada um é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu (GOFFMAN, 2003, p.22)

A subjetividade do pesquisador se evidencia no encontro com o outro, ou seja, na liminaridade e no estranhamento. Seria, portanto, o elemento que não estava sendo esperado e se insinua na prática etnológica, como um blues, cuja melodia ganha força pela repetição de suas frases. Esse elemento é o sentimento e a emoção que acaba por evidenciar um mapa de sensações, e, como se estivesse dormindo, a subjetividade do pesquisador desperta (Damatta, 1987), na tentativa de interpretar⁶ os acontecimentos, ou seja,

⁴ Referente a atos infracionais, denominação utilizada para caracterizar delitos cometidos por adolescentes, conforme Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 2004, p.21).

⁵ Pesquisa que se encontra em andamento no Mestrado de Políticas Públicas, na Universidade Federal do Piauí – UFPI, sob orientação do prof. Dr. Fabiano de Sousa Gontijo, professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí.

⁶ É estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante (...) é uma descrição densa (...) um mergulhar no meio, através da interpretação (GEERTZ, 1989, p4).

tentar ler (...) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos não com os sinais convencionais do som mas com exemplos transitórios de comportamento modelado...(GEERTZ, 1989, p.7).

Considerações sobre os jovens e as instituições: a formação de identidades dos jovens na privação de liberdade.

Para entender como se constitui o jovem – uma categoria destacada da infância e do mundo adulto – é necessário entendê-lo como uma construção social e histórica, de cunho eminentemente moderno, ressalta-se que

a noção mais usual de juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando esta abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto (ABRAMO, 1994, p.1).

Entretanto, essa noção é variável e, além disso, é somente em alguns grupos sociais, que podem manter seus filhos longe da vida produtiva e social, com a finalidade de prepará-los para o futuro, que a juventude se configura dessa forma – como um período destacado – uma espécie de “moratória social” na qual o jovem teria um tempo de espera, para que só depois pudesse ser solto no mundo. Isso significa dizer que a cristalização desse sentimento não é algo universal, muito pelo contrário, varia de sociedade para sociedade, e mesmo dentro de uma mesma sociedade.

As ações dos jovens são quase sempre vistas como inconseqüentes, desvairadas e imediatistas desvinculadas de uma dimensão de projeto de vida e finalidade. Costumeiramente, é muito marcante a imagem dos jovens que assustam, burlam e ameaçam a integridade social; com medo e perplexidade pela sociedade. Diante dessas interpretações e abordagens parece existir uma certa dificuldade em considerar os jovens como capazes de formular questões significativas, de propor ações

relevantes, de efetuar uma relação dialógica com outros atores, de contribuir para a solução dos problemas sociais, ou seja, de assumirem um papel de fomentadores e contribuidores de suas realidades (ABRAMO, 1997, p. 28).

Diante dessa reflexão, os questionamentos perpassam o viés da imagem social destes jovens – perturbadores da ordem – e, portanto estigmatizados pela realidade social. Que identidades são constituídas dentro dos espaços de internação para jovens do sexo masculino? Como todo esse emaranhado emocional, peculiar a cada sujeito, influi na formação social dessa categoria nesses espaços? Como embrenhar-me nesta estranheza, em busca do que não foi dito, daquilo que se dissipa no ar, arriscando-se a perder em qualquer momento a sua identidade e a não voltar totalmente ileso dessa experiência (LAPLANTINE, 1989, p.151).

Ao adentrar o espaço das instituições executoras de medida sócio-educativa de internação, que abriga jovens de 13 a 18 anos, em Teresina, fui acometida pelo desconforto da sensação de *fechamento*, que permeia o universo cotidiano destes adolescentes. Estabelecem horários, normas, condutas e restrições para a rotina institucional, bem como o afastamento legal da realidade social, ou seja, delimitados pelos muros da instituição, sendo que estes sujeitos estão em cumprimento de medida sócio-educativa de internação⁷. Para Erving Goffman o termo fechamento

é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos (GOFFMAN, 2003, P. 16)

Diante disso, percebo que o processo de construção de identidades juvenis dentro de um espaço delimitado por muros altos, grades, isolamento, violências diversas, evidencia uma realidade complexa, pois toda a construção deste espaço parece interpelar a construção desses jovens – como perturbadores da ordem – a partir do momento que são obrigados a ocupar e permanecer nesses lugares de internação. Assim,

⁷ O adolescente ao cometer ato infracional referente à grave ameaça ou violência à pessoa, é encaminhado através da Vara da Infância e da Juventude para instituições executoras de medida sócio-educativa de internação, de acordo com o Art. 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

esses espaços de vigília e punição criam discursos, entre eles o de “reabilitação e inserção” destes sujeitos ao convívio social, no intuito de construir corpos dóceis, que facilitam a implantação, manutenção, transformação de modelos de valor e comportamento, ou seja, a serviço do disciplinamento (FOUCAULT, 1987).

Desse modo, esses jovens tornaram-se, em determinado momento, o objeto da intolerância coletiva. Todas as suas ações, discursos, posturas passaram a ser vistos como *anormais, desviantes, e delinquentes* - sujeitos à ação judiciária, à intervenção médica, atentos e teoricamente examinados, tornaram-se um evidente problema social. De tanto falar neles e descobri-los reduzidos, classificados e especificados, justamente onde os inseriram, procurar-se-ia, entretanto, mascará-los (FOUCAULT, 1987, p.33).

Percebo, entretanto, que os jovens na internação, enfrentam, à sua maneira, a disciplina do estabelecido, como também, movimentando-se através de táticas, que apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder. Apropriando-se de Michel de Certeau, as táticas são,

procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre movimentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc (CERTEAU, 1994, p. 102).

Os jovens utilizam sinais que apontam outros significados, evidenciando rituais de pertença, de passagem⁸, como quando ao chegar a instituição de internação, o jovem é induzido por outros internos a trocar seus pertences, como, por exemplo, roupas, que simbolizam e ritualizam sua aceitação no espaço. Ao mesmo tempo, apontam para a exclusão que sofrem por não estarem do lado da norma. Evidenciam também que as regras, em si mesmas, são vazios que ressaltam a violência e a sua não finalidade.

Logo, não é à toa que Foucault afirma:

⁸ Pierre Bourdieu, (1996, p. 97), ressalta a questão dos ritos de instituição ao afirmar que um dos efeitos essenciais do rito de passagem é "separar aqueles que já passaram por ele daqueles que ainda não o fizeram, e, assim, instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados".

o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras. (FOUCAULT, 1989, p.25).

A interdição e o mutismo são os mecanismos freqüentes que enquadram os jovens. A forma mais comum, superficial e visível desses sistemas complexos de restrição é a normatização. O ritual, em consonância com a normatização, define os indivíduos; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige, os limites de seu valor de coerção.

Portanto, se faz necessário retornar a categoria ritos, ou rituais, como instrumento importante para se perceber a movimentação e construção das identidades dos jovens em questão, pois identificam também seus momentos de fuga, suas brechas para burlar e ultrapassar a normalização. Os rituais servem para resolver conflitos ou diminuir rivalidades e ao mesmo tempo transmitir conhecimento, informações. Portanto o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica, constituído de seqüências ordenadas e padronizadas por palavras e atos, frequentemente expresso por múltiplos meios (PEIRANO, 2003, p.40).

A análise do ritual proporciona um poder de ampliar, iluminar e ainda realçar uma série de idéias, valores e movimentos. Assim, o uso da bricolagem, definido por Levi-Strauss (1976) como um recurso que reinventa e vincula o ritual à criatividade e à originalidade, pode ser observado na realidade dos jovens em questão que utilizam a (re) invenção como instrumento de sobrevivência e ainda fomentador da construção das identidades.

Diante disso, considero esses jovens como sujeitos de fato à medida que há entre eles e, entre eles e a instituição, um processo contínuo de constituição de diversas identidades, perpassando, o âmbito emocional, cultural, plural, subjetivo e político para além das perspectivas institucionais e jurídicas. Nesse sentido, o artigo apresenta um olhar sobre o jovem em cumprimento de medida sócio-educativa de internação, delineando contornos sobre a percepção deles, capturando a constituição desses atores a

partir deles mesmos, não se prendendo exclusivamente aos atos de violência por eles cometidos, mas dando espaço para a compreensão da produção de subjetividades e de como a inserção nesses espaços de *privação de liberdade*⁹ influi na formação de suas identidades.

Portanto, pretende-se trilhar e adentrar caminhos e sentidos outros, deixando enveredar-se na plasticidade, dinamicidade, na idéia de tornar-se, ou seja, uma concepção de identidade como movimento, transformação. Tornando possível a percepção da relação de subjetividades dos atores sociais em questão, mergulhando nas peculiaridades da condição juvenil. Logo,

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 1998, p.13).

Em consonância com Stuart Hall (1998), Tomaz Silva (2000) reitera que a identidade não é uma essência, estável, permanente, é uma construção, um efeito, um processo de produção de sentidos, associada às práticas e posturas dos sujeitos. Assume dimensões fluidas e híbridas, ou seja, de caráter fragmentado, instável. Possibilidades de confronto de diferenças, significações e representações. Em geral, considera-se a diferença como um produto derivado da identidade, portanto,

nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. (SILVA, 2000, p.75)

⁹ Toda forma de detenção ou encarceramento, assim como a internação em outro estabelecimento público ou privado, do qual não se permita sair o adolescente por sua própria vontade, em que seja ordenado por qualquer autoridade judicial, administrativa ou outra autoridade pública (VOLPI e SARAIVA, 1998, p.52).

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido a experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. A identidade é relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades, logo está vinculada tanto ao social quanto ao simbólico, ou seja, o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e manutenção das identidades. (SILVA, 2000, p. 19).

Considerações finais

Um desafio se instaurou, enquanto pesquisadora: compreender esta estranha realidade e seus atores, os jovens em medida socio-educativa de internação. Não a partir de suas carências ou faltas, mas como experiência social que modela o jeito de ser, a vontade de ser, ou seja, a construção de suas identidades. Assim, entender os espaços de punição e sua utilização, os mecanismos disciplinares que constituem suas ações. Como perceber as práticas que envolvem a construção das identidades juvenis nesses espaços de privação de liberdade? Para tanto, é importante uma postura que permita ver a juventude não apenas como problema social e sim percebê-la como atores produtores de sentido.

Essa postura possibilita desconstruir verdades estabelecidas e naturalizadas, privilegiando a vida e suas infinitas possibilidades de dever ser, produzindo envolvimento com as coisas do mundo, favorecendo transformação e movimento. Vivenciando a dimensão juvenil na sua experiência sensível, plástica, que experimenta um mundo capturado pelos sentidos, pelos encontros com o outro, em sua diferença, em sua pluralidade.

Perceber o universo juvenil não como algo já estabelecido, acreditando que exista uma essência nesses jovens, algo completamente apreensível e previsível. Perfazer suas identidades como construção, dinâmica, em movimento com o mundo e suas vicissitudes. Na perspectiva de que o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente (HALL, 1998, p.13).

Referências:

- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF, 2004.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: **A invenção do cotidiano: 1-Artes de Fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DIOGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza;Secretaria da Cultura e Desporto – Fortaleza – CE, 1998.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Trad. Maria Celeste da C. Souza e Almir de Oliveira Aguiar. 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2003.
- SILVA, Tadeu Tomaz e. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VOLPI, Mario e SARAIVA, João Batista Costa. **Os adolescentes e a lei: o direito dos adolescentes, a prática de atos infracionais e sua responsabilização.** Brasília: Ilanud, 1998.